

HYPATIA DE ALEXANDRIA: VOZ FEMININA NA ANTIGUIDADE TARDIA*

PEREIRA, Crislanda Lima. **Hypatia de Alexandria**: narrativas e contribuições acerca do ensino, da filósofa, matemática, astrônoma e mestra da Antiguidade Tardia. 2024. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Diadema, 2024. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/70954>. Acesso em: 16 maio 2025.

Tiago José Quadros Pereira**

A dissertação de mestrado de Crislanda Lima Pereira, defendida em 2024, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), constitui uma investigação historiográfica e epistemológica rigorosa que resgata a figura de Hypatia de Alexandria enquanto filósofa, matemática e astrônoma da Antiguidade Tardia. O trabalho adota uma abordagem crítica e interdisciplinar para reconstruir narrativas históricas didáticas, com ênfase na formação de professores(as) de ciências. Um de seus méritos mais relevantes, contudo, reside na minuciosa análise da presença feminina no campo da filosofia e da ciência, explorando tanto as narrativas quanto os mecanismos de invisibilização histórica.

A pesquisa de Crislanda parte da necessidade urgente de desconstruir a imagem romantizada, hagiográfica e estereotipada que circunda a figura de Hypatia. A autora observa que “Hypatia é uma das poucas mulheres filósofas da Antiguidade Tardia que alcançou notoriedade, porém sua imagem foi por vezes reduzida a uma mártir ou símbolo religioso, em detrimento do reconhecimento de sua atividade filosófica e científica” (p. 48). A partir dessa premissa, a dissertação orienta-se para uma reconstrução crítica, buscando superar os recortes eurocêntricos e patriarcais que historicamente marginalizaram a presença feminina na filosofia antiga e na ciência. Nesse sentido, a autora demonstra como a construção da figura de Hypatia resultou de diversas narrativas ao longo da história, cada qual refletindo interesses e contextos próprios, o que torna imprescindível uma análise crítica das fontes (p. 49). Entre estas, ganham destaque as narrativas de Sócrates Escolástico em sua *Historia ecclesiastica* e

* Resenha recebida em 16/05/2025 e aprovado para publicação em 10/06/2025.

** Graduando em Teologia pela PUC Minas. Bacharel em Filosofia pela mesma universidade. Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: tiagoquad11@gmail.com.

as cartas de Synesius de Cirene (p. 40-45), que evidenciam como diferentes vieses podem moldar a percepção histórica de uma figura.

No campo da filosofia propriamente dita, a autora explora detalhadamente o contexto cultural e intelectual da Alexandria do final do século IV e início do V, destacando o ambiente plural e conflituoso no qual Hypatia atuou. Alexandria é caracterizada como um “caldeirão onde diversas tradições filosóficas, científicas e religiosas coexistiam e disputavam hegemonia, em meio à ascensão do cristianismo e ao declínio do paganismo” (p. 27). Essa tensão histórica confere ainda mais importância à atuação de Hypatia como intelectual: uma mulher que dominava o saber greco-romano e se destacava como mestra e debatedora em múltiplas áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, a dissertação descreve o papel do Museu e da Biblioteca de Alexandria como centros de intelectualidade e ensino na Antiguidade Tardia (p. 31-34), contextualizando o ambiente acadêmico em que Hypatia floresceu e ressaltando a relevância de sua atuação num período marcado por intensas transformações culturais e religiosas.

Crislanda mostra que, ao contrário da imagem simplificada que a associa exclusivamente ao neoplatonismo, “não há consenso histórico que comprove uma filiação estrita de Hypatia a essa escola filosófica; sua atuação parece atravessar diversas correntes e manifestar um conhecimento interdisciplinar que incluía filosofia, matemática e astronomia” (p. 57). As cartas de Synesius de Cirene, um de seus alunos, testemunham a amplitude de seus interesses e ensinamentos, que iam além das questões metafísicas, abrangendo também saberes práticos e aplicados das ciências (p. 58-61). Por exemplo, Synesius menciona o aprendizado sobre astrolábios e hidroscópios (p. 59), o que indica a natureza aplicada de seus ensinamentos e sua proficiência no uso de instrumentos científicos. Trata-se, assim, de uma nuance fundamental para repensar Hypatia como uma pensadora complexa e atuante, cuja relevância excede qualquer rotulação doutrinária simplista.

Um dos pontos altos da dissertação é o exame das contribuições intelectuais de Hypatia, sobretudo a partir dos comentários (*scholias*) ao *Almagesto* de Ptolomeu. Conforme assinala Crislanda, tais comentários “revelam uma interlocução profunda com as questões astronômicas e matemáticas de seu tempo, atestando sua erudição e capacidade crítica, ainda que seu nome tenha sido sistematicamente ocultado por seu pai Theon e outros comentaristas masculinos” (p. 88). A análise do Livro III do *Almagesto* (p. 89-95) é particularmente relevante, pois demonstra, com base nas evidências textuais, a profundidade do conhecimento técnico de Hypatia e sua habilidade para aperfeiçoar o trabalho de Ptolomeu. Por conseguinte,

Crislanda demonstra como as menções indiretas de Theon ao trabalho da filha evidenciam não apenas sua colaboração, mas também o apagamento sistemático de sua autoria (p. 90-91), o que denuncia o preconceito epistemológico que historicamente recaiu sobre as mulheres intelectuais.

Além disso, a dissertação dedica-se a uma reflexão crítica sobre as representações iconográficas e textuais de Hypatia ao longo dos séculos, destacando o fenômeno do “embranquecimento” e a construção de um imaginário estereotipado que “fomenta uma invisibilização epistêmica, dificultando a percepção de Hypatia como uma pensadora original e autônoma” (p. 85). Nesse contexto, Crislanda examina como, especialmente a partir da Idade Moderna, as imagens de Hypatia foram europeizadas, apagando sua origem alexandrina e seu contexto multicultural (p. 86-87). Tal idealização estética contribuiu para desassociar sua imagem do ambiente em que de fato viveu. A autora associa essa dinâmica ao “Efeito Matilda”, conceito que utiliza para demonstrar como “a subestimação das contribuições femininas na filosofia e na ciência não é um fenômeno novo, mas um padrão estrutural presente desde a Antiguidade” (p. 99). No caso de Hypatia, esse efeito manifesta-se de forma clara, seja pela atribuição de suas conquistas ao pai, seja pela omissão deliberada de seu papel nas narrativas históricas posteriores (p. 100-102).

Outro aspecto importante da dissertação diz respeito às implicações pedagógicas e filosóficas dessa reconstrução histórica. A autora propõe que a figura de Hypatia seja incorporada às narrativas pedagógicas como forma de “favorecer uma formação crítica que reconheça as desigualdades epistêmicas de gênero e promova a justiça social no ambiente acadêmico e escolar” (p. 123). A partir dessa proposta, argumenta-se que a presença de mulheres como Hypatia nos currículos de ciências e filosofia pode combater estereótipos e inspirar novas gerações, promovendo uma educação mais equitativa e inclusiva (p. 125-127). Dessa forma, a dissertação propõe que a história de Hypatia sirva como ferramenta para refletir sobre a persistência das desigualdades de gênero na ciência e na academia (p. 129). Tal enfoque amplia a relevância social do trabalho, conectando o resgate histórico com práticas pedagógicas contemporâneas e com os desafios da formação docente.

A dissertação é densamente referenciada, dialogando com autoras como Joan Scott (1995), Naomi Oreskes (2021) e Helen Longino (2021), além de historiadores da ciência e filósofos críticos do cânone tradicional. A metodologia historiográfica adotada alia rigor acadêmico e sensibilidade crítica, combinando fontes primárias – como os relatos de Sócrates Escolástico e as cartas de Synesius (p. 40-45) – a uma ampla e criteriosa revisão da

bibliografia secundária. Essa estratégia permite à autora construir uma narrativa coerente, crítica e inovadora sobre a vida e o legado de Hypatia.

Crislanda demonstra profundo domínio das fontes e da literatura especializada, oferecendo uma análise crítica que confronta as narrativas tradicionais e propõe novas formas de abordar a história das ideias. O foco na transposição didática agrega ainda mais valor à obra, ao demonstrar como as discussões teóricas podem ser convertidas em práticas educativas transformadoras. A dissertação cumpre com êxito seus objetivos, oferecendo uma leitura profunda e contextualizada da vida e da atuação de Hypatia, desmitificando estereótipos e resgatando suas reais contribuições intelectuais num período de intensas mudanças culturais e religiosas. Sua relevância para uma revista de Filosofia reside precisamente na articulação entre história das ideias, crítica epistemológica e compromisso ético com a justiça epistêmica.

Em suma, a dissertação de Crislanda Lima Pereira constitui uma contribuição imprescindível para os estudos de filosofia e história da filosofia, sobretudo na reflexão sobre o papel das mulheres na tradição intelectual ocidental. A pesquisa não apenas resgata uma figura essencial, mas também problematiza os mecanismos históricos e epistemológicos de silenciamento, apontando caminhos para uma filosofia mais plural e inclusiva. Recomenda-se fortemente a publicação deste trabalho em revistas especializadas em filosofia e estudos de gênero, dada sua relevância teórica e metodológica, bem como sua importância para a formação docente e a promoção da justiça epistêmica. Trata-se de uma obra que alia erudição, crítica e compromisso social, configurando-se como referência fundamental para estudiosos interessados na presença feminina na filosofia e nos desafios históricos da equidade intelectual.